

SUMÁRIO

5

CULTURA E SOCIEDADE

1. INTRODUÇÃO.....	4
2. GÊNESE DOS CONCEITOS DE <i>CULTURA</i> E <i>CIVILIZAÇÃO</i>	4
3. PLURALISMO CULTURAL	5
4. CULTURA POPULAR E O SURGIMENTO DA CULTURA DE MASSA.....	7
4.1. Diferença entre Cultura Popular e Cultura Erudita.....	8
5. O RELATIVISMO CULTURAL E MULTICULTURALISMO.....	9
6. REVISÃO DA AULA.....	10
7. REFERÊNCIAS.....	11





AULA 5

CULTURA E SOCIEDADE

- ▶ Compreender o conceito de cultura e civilização, além de entender as relações e intencionalidades que propiciam a aculturação;
- ▶ Entender as diferenças entre cultura de popular, cultura de massa e cultura erudita;
- ▶ Conhecer o conceito de Relativismo Cultural e sua importância, dentro da Antropologia, para combater ideias etnocêntricas.

1. INTRODUÇÃO

Nesta quinta aula, você compreenderá melhor algumas noções sobre cultura e sociedade. Serão abordadas as diferenças entre o conceito de cultura e de civilização, e alguns temas como: modos de representação, cultura popular, cultura de massa, pluralismo cultural, relativismo e multiculturalismo.

2. GÊNESE DOS CONCEITOS DE CULTURA E CIVILIZAÇÃO

Norbert Elias, em seu livro *O processo civilizador*, diz que “o conceito de ‘civilização’ se refere a uma variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes” (ELIAS, 1994, p. 23). E é justamente por toda essa abrangência que se torna difícil estabelecer uma definição de civilização. Contudo, conforme você viu nas primeiras aulas dessa disciplina, o conceito de civilização assume um viés centrado na sociedade ocidental, mais precisamente na sociedade europeia.

De acordo com o Dicionário de Sociologia:

A Cultura é o conjunto acumulado de símbolos, ideias e produtos materiais associados a um sistema social, seja esse sistema uma sociedade inteira ou uma família. Juntamente com a estrutura social, a população e a ecologia constituem um dos principais elementos de todos os sistemas sociais e são um conceito fundamental para o estudo das sociedades humanas (JOHNSON, 1997, p. 59).

Dessa forma, pode-se afirmar que os aspectos materiais e não-materiais formam a cultura, ou seja, todos os signos, códigos e manifestações específicas de um povo resultam naquilo que se denomina como cultura.

A cultura material inclui tudo o que é feito ou transformado para a vida social, para coletividade, devendo assim ser acatada pelos membros do grupo. Já a cultura não-material inclui símbolos – palavras, notas musicais, placas de sinalização, logomarcas, e até mesmo ideias – que se adaptam, informam e conduzem a vida dos seres humanos em suas relações sociais. As atitudes, valores, normas e crenças são norteadas por meio desses símbolos, que

servem como identificação de um grupo: é isso o que o torna particular em relação aos demais grupos existentes.

EXEMPLIFICANDO

Normalmente os japoneses utilizam o *hashi* (espécie de talher feito em madeira) em suas refeições. Povos de cultura simples fazem as refeições comendo diretamente com as mãos, e na sociedade ocidental, em geral, se usam talheres de metal. O fato dos japoneses se alimentarem da forma que o fazem os tornam singulares.

Os símbolos definem os padrões necessários para a manutenção de um modo de vida, eles se adaptam conforme o tempo e espaço nos quais estão inseridos, sendo assim, numa análise durkheimiana, são considerados “frutos do meio”.

A cultura, portanto, não se refere apenas ao que as pessoas fazem concretamente, mas às ideias que as pessoas possuem em comum, sobre o que fazem e os objetos materiais que utilizam.

3. PLURALISMO CULTURAL

Os seres humanos, em suas conquistas, migrações e expansões territoriais, tiveram contato com o diferente, com outros povos e outras culturas: o choque cultural. Atualmente, quando uma cultura entra em contato com outra por meio de notícias, exposições de arte, trocas comerciais, imigração, entre outros, notamos um estranhamento. No entanto, após esse estranhamento, inicia-se um processo de assimilação e de trocas culturais, que chamamos de aculturação. Durante esse processo não é incomum que os aspectos culturais de um dos grupos se imponham sobre o outro. O grupo subordinado, por sua vez, acaba perdendo ou adaptando suas características culturais originais.

EXEMPLIFICANDO

Os colonizadores portugueses entraram em contato com os nativos americanos, receberam alguns saberes importantes, especialmente no que se referia à natureza do local, porém impuseram seu idioma, vestimentas, religião e tradições, em um processo em que o indígena era o dominado e o português, o dominante.

Outra forma de apropriação ocorre quando pessoas que acabaram de chegar em uma determinada sociedade, aderem a valores e as leis vigentes como maneira de se adaptar à nova situação social.

Um exemplo disso são os imigrantes que, para obterem sucesso no novo país, necessitam aprender rapidamente e aceitar a nova língua, a nova moeda e obedecer às normas do país que os acolheu. Não abandonando inteiramente sua cultura de origem, esses grupos formam o alicerce do pluralismo cultural, processo pelo qual diferentes culturas convivem e mantêm certo grau de identidade separadas. A assimilação cultural nem sempre é uma via de mão única, pois a cultura dos grupos dominantes também é abalada.

SAIBA MAIS

Para entender o que é a migração, processo que uma pessoa deixa seu lugar de origem, seu cotidiano e rumo para uma outra vida, tendo que aprender novos códigos e muitas vezes sofrendo discriminação, você pode assistir ao filme “O Homem Que Virou Suco” (1981), de João Batista de Andrade. O filme narra as desventuras de um migrante nordestino que busca melhores condições de trabalho em São Paulo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=FF70tq8QSS4>>. Último acesso em 15 jul. 2018.

Uma espécie de mistura ocorre quando duas ou mais culturas se unem em uma nova cultura única que contém dados de ambas, bem como alguns elementos inteiramente novos que representam a síntese de duas. O antropólogo Darcy Ribeiro, em seu livro *O povo brasileiro*, descreve, no que chamou de teoria das matrizes culturais, de que maneira as culturas portuguesa, indígena e africana formaram uma nova: a brasileira. Compreender a cultura das

diferentes sociedades é entender a constituição das sociedades ao longo do tempo, de seus hábitos, de seus costumes e de sua história.

Pode-se dizer então que a cultura brasileira é o resultado das simbologias dos três grupos étnico-raciais formadores do povo brasileiro, somadas às influências de outros povos que emigraram para o país em diferentes momentos históricos: como alemães, japoneses, espanhóis, russos, poloneses, chineses, árabes, haitianos, latino-americanos, entre tantos outros.

FIQUE ATENTO

Em sua obra *O povo brasileiro*, Darcy Ribeiro analisa o processo histórico que deu origem ao povo brasileiro: a invasão do colonizador português, sua imposição de valores aos indígenas, a chegada dos africanos na condição de escravos, as tensões sociais causadas por essa dominação de uns pelos outros, as características do Brasil enquanto país e civilização e do brasileiro enquanto povo.

4. CULTURA POPULAR E O SURGIMENTO DA CULTURA DE MASSA

Cultura popular pode ser definida como toda manifestação cultural do povo, como literatura, arte, festas, danças, música, folclore entre outros. Tendo, portanto, um sentido inverso da cultura erudita ou da cultura de massa, pois retrata a história e a identidade de um grupo. A cultura popular surge dos costumes e das tradições, e é transmitida muitas vezes de forma oral, entre as gerações.

A sociologia tem refletido sobre o conceito de cultura popular, já que suas manifestações acabam sendo apropriadas pelas classes mais abastadas da sociedade. Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Theodor Adorno e Max Horkheimer são alguns dos principais teóricos da chamada “Escola de Frankfurt” que demonstraram como a cultura popular, na verdade, é controlada pela elite e assim serve como forma de entretenimento e alienação, jamais de reflexão. Nivelando, então, os pensamentos de grande parte da população, sem permitir o desenvolvimento do senso crítico; ao terem negadas a busca de suas próprias origens e condições, as classes mais pobres não contestariam sua situação.

A intencionalidade por trás disso se deu pelo fato de uma elite burguesa difundir seu senso doutoral e suas ideias para criar padrões de comportamento e até de moda, e dessa forma manter a relação de poder como dominantes.

O consumo, que é visto como uma ação individual na qual o indivíduo exerce seu livre arbítrio ao escolher o que quer comprar, na verdade é resultado da construção do sonho por parte da classe dominante que impõe, de forma sutil, por meio da propaganda, sua ideologia, de forma que o sujeito dominado pensa que tem liberdade de escolha, mas esta está atrelada ao que é estabelecido pela burguesia, por meio do seu aparato comercial.

Essa relação vem desde a época de transição da idade média para a idade moderna: uma vez consciente de sua condição, a burguesia passou a criticar os hábitos e costumes da nobreza, e criou seus próprios valores. A origem pobre, porém, também é esquecida. Essa nova classe, que tem sua procedência ligada à promoção econômica, é responsável pelo desenvolvimento do sistema capitalista, da capitalização, das melhorias técnicas. Tudo isso levou ao surgimento de uma sociedade de consumo e da indústria cultural.

O desenvolvimento e avanço das mídias e dos meios de comunicação em geral, uma vez controlados pela burguesia, agora elite, intensificou essa apropriação.

SAIBA MAIS

A fim de compreender melhor a cultura de massa e os processos que levam ao estabelecimento de um padrão de consumo, você pode assistir ao documentário “Criança, a alma do negócio”, de Estela Renner, que trata a questão do marketing voltado ao público infantil no Brasil. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ur9If4RaZ4>>. Último acesso em: 15 jul. 2018.

4.1. Diferença entre Cultura Popular e Cultura Erudita

A Cultura Popular aparece associada às classes menos favorecidas da sociedade, portanto, suas manifestações não estão ligadas ao conhecimento científico, mas sim ao senso comum. Entre a tradição e a transformação, a cultura popular luta pela sua preservação.

Em contrapartida, a Cultura Erudita, que tem sua origem no renascimento, posteriormente resgatada pela burguesia, é a manifestação de uma elite social, política e econômica. A palavra “erudito” é originária etimologicamente do termo em latim *eruditus* – aquele que foi educado em várias ciências – uma espécie de sábio. Portanto, esse conhecimento tem sido associado ao conhecimento científico e formal, das escolas e universidades e das pesquisas em geral. Por exigir um alto grau de conhecimento e de técnica, essas manifestações – restritas a museus, exposições, teatros e bibliotecas – acabaram se impondo como superior.

No final do século XIX e no século XX, o conceito de cultura passou a ser associado à universalidade humana. Assim, além de ser usada no plural – “as culturas humanas” – passou a não ter mais sentido se falar em culturas inferiores ou superiores.

5. O RELATIVISMO CULTURAL E MULTICULTURALISMO

Quando o grau de sofisticação das duas manifestações artísticas citadas passa a ser equiparado, o conceito de relativismo começa a ser discutido nas Ciências Sociais. O rompimento desse padrão possibilita um maior afastamento dos pré-conceitos e da intolerância, contrapondo-se ao etnocentrismo.

Uma atitude relativista diz respeito à compreensão de que a cultura do outro que, por mais oposta que seja com relação ao observador, tem sentido e deve ser aceita. Cada povo estabelece seus padrões e normas sociais, a partir da história que o forma e das condições em que vive. Dessa forma, compreende-se que as estruturas culturais podem ser complexas e derivadas de vários contextos que vão muito além da dicotomia cultural entre civilização e barbárie.

Para Paulo Meneses, o relativismo pode abranger três significados:

- a) Todo e qualquer elemento de uma cultura é relativo aos elementos que compõem aquela cultura, só tem sentido em função do conjunto; que sua validade depende do contexto em que está inserido, de sua posição em meio a outros níveis e conteúdos da cultura de que faz parte.
- b) As culturas são relativas: não há cultura, nem elemento dela, que tenha caráter absoluto, que seja, em si e por si, a perfeição. Será certa e boa para a sociedade que a vivencia e na medida em que nela se realiza e em que a

exprime. Não há, pois, um padrão absoluto para julgar “a priori” o certo e o errado, o belo e o feio entre as culturas, pois cada uma traz em si mesma seu padrão de medida.

c) As culturas são equivalentes e, portanto, não se pode fazer uma escala em que cada cultura receba uma “nota”, de acordo com o critério que defina o que é mais ou menos perfeito. Falsa, portanto, a velha concepção em que a diversidade se alinhava desde uma suposta infância até à maturidade humana (MENESES, 1999, p. 22).

Portanto, ter uma postura que preza o relativismo cultural é fundamental para a superação de estereótipos e preconceitos, muitas vezes arraigados.

6. REVISÃO DA AULA

Nesta aula, você aprendeu alguns conceitos importantes como:

- A gênese das ideias de cultura e civilização;
- Os aspectos materiais e não materiais da cultura;
- A ideia de pluralismo cultural e o processo de aculturação;
- A conceituação de cultura popular, cultura de massa e cultura erudita;
- As intencionalidades dentro da formação e imposição de um processo cultural em um povo;
- Conceito de relativismo cultural e sua necessidade para combater o etnocentrismo.

7. REFERÊNCIAS

JOHNSON, Allan G. Cultura. **Dicionário de sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. Tradução de Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Tradução de Ruy Jungman. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

MENESES, Paulo. **Etnocentrismo e relativismo cultural: algumas reflexões**. In: Revista Symposium, v. 3, Número Especial. Recife: Unicap, 1999. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/3152/3152.PDF>>. Último acesso em 20 jul. 2018.

RIBEIRO, Darcy. **O processo civilizatório**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

